

CYBERBULLYING, CRIANÇAS E ESCOLA: CONSTRUINDO PONTES NO MANEJO DA VIOLÊNCIA ENTRE PARES EM TEMPOS DE CONEXÕES

Emmanoel Holanda Melo Ferreira ¹
Allan Dellon Pereira Ferreira ²
Anny Beatriz Cavalcanti Lima ³
Thanara Castro da Conceição ⁴
Jéssica Andrade de Albuquerque ⁵

RESUMO

O Cyberbullying, enquanto violência entre pares que discorre sobre relações de poder no ambiente escolar, tem sido um fenômeno social causador de impactos na vida de inúmeras crianças. A pandemia do COVID-19, portanto, tem acentuado a conectividade de infantes na internet, possibilitando, assim, uma maior exposição às condições de tornarem-se seja agressor(a) ou vítima de *Cyberbullying*. Diante da citada problemática, encontra-se na escola um viés sócio-político-afetivo capaz de manejar com potência situações de violência entre pares neste atual período de conexões. O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica guiada pelos termos *Cyberbullying*, crianças, Escola e COVID-19, como também por livros clássicos para discutir sobre os processos de poder e de estigmatização inerentes ao *cyberbullying*. Os resultados da pesquisa reconhecem a Escola como ambiente facilitador na prevenção de violações dos direitos e dignidade do(a) infante, a qual, amparada numa perspectiva da educação popular libertadora, pode criar espaços de diálogos e de respeito entre as diferenças com as próprias crianças. Desse modo, acredita-se que este trabalho tenha importância para refletir criticamente sobre essa temática a nível científico e também possibilite a atenção e ação das Instituições perante os seus respectivos casos particulares.

Palavras-chave: *Cyberbullying*, Crianças, Escola, Violência entre pares.

INTRODUÇÃO

Com o advento da pandemia viral do SARS-CoV-2, causador do COVID-19, tornou-se perceptível o aparecimento de mudanças globais, as quais puderam demarcar uma nova configuração de necessidades contemporâneas, no tocante à reorganização do funcionamento das estruturas sociais neste período pandêmico. As Instituições Escolares públicas e privadas,

¹ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, emmanoelhmf@outlook.com;

² Graduando pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, allandellon134@gmail.com

³ Graduanda pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, lima.annyb@gmail.com;

⁴ Graduanda pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, castrothanara@gmail.com;

⁵ Doutora em Psicologia Social (PPGPS/UFPB), Faculdades Nova Esperança – FACENE, jessica.albuquerque@facene.com.br

enquanto instâncias colaborativas no processo de ensino-aprendizagem dos(as) alunos(as) e espaço simbólico de constituição e fortalecimento de vínculos afetivos e constituintes destes sujeitos-escolares, teve também que se reinventar, resultando assim na migração da Escola para o ambiente virtual.

Posto isso, as condutas interativas tão imprescindíveis para o lazer, desenvolvimento cognitivo e interação social das crianças no ambiente escolar-educacional, público alvo do presente trabalho - possibilitadas através de atividades lúdicas -, passam a ser adaptadas em virtude do distanciamento social e do modelo de ensino remoto emergencial, objetivando o não comprometimento da sociabilidade da criança. Os métodos de violência escolar, por sua vez, também têm ganhado uma nova roupagem nesse cenário atrás das telas, impondo, conforme Bordieu e Passeron (2008) afirmam, significações como legítimas e permitindo-as instaurar uma relação de poder e forças simbólicas nos espaços, neste caso, na relação entre discentes na Instituição Escolar agora virtual.

O *Cyberbullying*, enquanto discurso deliberado, intencional, repetido e excludente (Shariff, 2011), apresenta-se então, neste contexto, elucidando a relação de poder nas escolas, que, consoante a máxima de Weber (2002), discorre sobre a possibilidade de que indivíduos(as) realizem suas vontades próprias numa ação coletiva contra outros(as) indivíduos(as). Tal violência simbólica conta com os benefícios da inserção do ensino remoto para perpetuar-se, haja visto a possibilidade de manter a vítima sob o controle das ofensas através das redes de conexões - fator estabelecido em virtude de uma não delimitação entre o espaço familiar e escolar que agora estão aglutinados pelos efeitos da pandemia do COVID-19 -, o que se diferencia ao fenômeno *bullying*, fora das telas, em que ao ir para a casa a vítima afastava-se da violência durante um espaço simbólico, geográfico e de tempo (Slonje & Smith, 2008).

As agressões provenientes do *cyberbullying* são compostas por ameaças diárias à integralidade do sujeito e são explanadas verbalmente (por apelidos), segundo Cook et al. (2010), por fotos e/ou textos objetivando excluir, assediar e ameaçar grupos marginalizados na ambiência escolar-educacional (Li, 2006), tendo um caráter de fácil transmissão por tratar-se de uma circulação no continente cibernético. Desta forma, torna-se notório a existência de uma dificuldade na gestão do compartilhamento dessas informações, reverberando em agravamentos de danos morais e psicológicos da vítima de *Cyberbullying*, principalmente no contexto infantil.

Outrossim, o isolamento das crianças, em virtude dos impactos da pandemia do novo COVID-19, fomentou, ainda mais, uma aproximação massiva deste público aos recursos eletrônicos como fonte de lazer e tentativa de suprir o ócio pandêmico. Tornou-se, então, notório a ocupação consolidada do público infantil em aplicativos tais como o *TikTok*, *Kwai*, jogos como *Among Us*, *Free Fire*, entre outros, fazendo deles seu ambiente de conexões para formar laços com o outro. Diante de uma maior exposição às relações virtuais, estas crianças tornaram-se mais suscetíveis às práticas de agressões manifestadas pelo *bullying* virtual, seja no papel de vítima, como também de agressor(a).

Afirma-se, com base em Schreiber (2015), que os impactos violentos do *cyberbullying* são traduzidos na vítima infantil, semelhante ao *bullying* em seu formato tradicional, por meio da baixa auto-estima, inseguranças, fobia social e conseqüente dificuldade de socialização com as demais crianças, depressão, ansiedade e também o suicídio infantil. Assim, exemplificativamente, a reprodução dessa violência fomenta a gênese de atravessamentos de ordem patológica na saúde mental infantil e também, segundo Sá (2017), de lesões subjetivas e *sui generis* no desenvolvimento emocional de cada uma das vítimas.

Deste modo, o presente trabalho propõe-se a discutir o fenômeno social do *cyberbullying*, categorizado como violência institucional, com crianças no contexto escolar remoto, atentando-se, principalmente, para as possibilidades em que a Escola, enquanto instrumento de potentes intervenções, corroboraria diante dessa violência entre pares em tempos de conectividade. Com base nesta problemática sugerida, percebe-se a necessidade de que haja uma amplificação dos olhares das Instituições Escolares e de cuidadores(as) e professores(as) destas crianças violentadas e em processo de violações, além da urgente necessidade de disseminar um maior debate sobre a temática nas próprias Escolas, a qual tem ganhado novas proporções com o Marco Cívico da Internet e também em decorrência da pandemia do novo COVID-19, objetivando, assim, informar e sensibilizar pais, mães, e o corpo escolar (docentes, diretores(as), secretários(as), discentes, etc) sobre esse modo de violência.

Além disso, destaca-se, no tocante a relevância social deste estudo, a reelaboração do *Cyberbullying* no período pandêmico atual, que aponta para uma necessidade narcísica dos indivíduos(as) agressores(as) de traçar linhas que demarquem seus lugares de fala e posições sociais, instaurando signos de alteridade e de uma microfísica do poder, como aludia Foucault (2006), perpassando o ambiente escolar-educacional com estigmas que fazem a exclusão dos modos subjetivos desencaixados da normalidade positivista. É de caráter imprescindível,

portanto, refletir como essas relações de poder entre agressor(a)-vítima, no recorte em análise do *Cyberbullying* em tempos de conexões, têm se dado, além de permitir elaborar questões sobre quais as influências diretas e indiretas que a reprodução factual dessa opressão tem trazido para a sociedade contemporânea, além de fomentar, criticamente, a construção de intervenções escolares sobre essas demandas presentes nos(as) alunos(as).

A fim de contribuir com as pesquisas sobre o *bullying* na esfera virtual com crianças e os consequentes atravessamentos dessa prática, optou-se por realizar um levantamento bibliográfico, o qual pudesse enfatizar o uso de artigos completos e livros enquanto materiais de construção teórico-científica, para realizar este debate proposto. Assim, diante do diálogo reflexivo que encontrar-se-á na leitura deste artigo, expectativas surgem no tocante ao desejo de contribuir cientificamente na elaboração de saberes e pensar práticas de educação popular e saúde mental nas escolas públicas e privadas para compreenderem e manejarem as demandas de *bullying* e *cyberbullying* que serão apresentadas.

METODOLOGIA

O presente trabalho elege como metodologia científica uma Revisão bibliográfica do tipo Narrativa, ou seja, segundo Casarin et al. (2020, p. 01), trata-se de “uma forma não sistematizada de revisar a literatura (...) importante para buscar atualizações a respeito de um determinado assunto dando ao revisor suporte teórico em curto período.” É de caráter imprescindível salientar, ainda segundo a máxima do autor que

(...) Como a Revisão Narrativa (RN) inclui um processo mais simplificado de revisar a literatura, a questão de pesquisa pode ser mais ampla ou pouco específica e abordar um tema de forma livre, sem rigor metodológico e por isso está sujeita aos vieses. Na RN não há obrigatoriedade de que os autores informem com detalhes os procedimentos ou critérios usados para selecionar e avaliar as referências incluídas na análise, pois a forma de seleção é variável e arbitrária. (Casarin et al. 2020, p. 01)

Neste caso, a atual pesquisa foi guiada por buscas em bases de dados tais como Scielo e PubMed, pelos descritores: *Cyberbullying*, crianças, Escola e COVID-19, além da busca em livros de autores renomados na temática sobre a violência e as relações de poder, os quais estavam disponíveis no formato físico e online, a fim de, a partir destes materiais de leitura anteriormente produzidos - livros, revistas e artigos -, dialogar sobre a temática do *Cyberbullying*, enquanto violência simbólica, e da Escola enquanto instrumento de potência na prática de pensar e gerir intervenções de manejo para esta forma de agressão às crianças em tempos de pandemia do COVID-19. Assim, consoante a Marconi e Lakatos (1992), possibilitando que o(a) pesquisador(a) entre em contato com seu objeto de estudo de forma

direta, auxiliando-o(a) no processo de análise de sua pesquisa e uso das informações adquiridas, além de ser considerada o primeiro passo para a realização de uma pesquisa científica.

Posto isso, é válido ainda salientar que a realização de estudos sobre o *cyberbullying* são essenciais para a compreensão deste fenômeno atual que corresponde a uma ramificação do *bullying*, além de possibilitar a reflexão de profissionais da educação - tais como professores(as), coordenadores(as), psicólogos(as) e assistentes sociais - sobre estratégias possíveis para manejo de tais situações de violência entre agressor(a) e vítima, especialmente durante a conjuntura atual da pandemia. Assim, a revisão da literatura cabe aqui como uma ferramenta propulsora de conhecimento, haja vista a necessidade de contínua reflexão sobre a temática proposta, que pode ser fomentada através da construção de saberes e práticas pela via de pesquisas futuras.

Durante o percurso deste texto, utilizar-se-á referenciais teóricos diversos a fim de problematizar e provocar reflexões frente a esta violência específica no contexto escolar. Portanto, esta revisão literária narrativa busca, através da criticidade proposta nos referenciais teórico-científicos citados, pensar possibilidades interventivas plurais no cenário da escola em tempos de conexões para intervir em casos pontuais em que o dilema bastante delicado da prática e vitimismo do *cyberbullying* com crianças se revela na Instituição Escolar, corroborando para que intervenções concretas e efetivas sejam desenvolvidas nesses espaços.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão realizada nos permitiu a seleção de dezoito (18) produções, sendo dez (10) artigos e oito (08) capítulos de livros. Para organizar didaticamente as discussões empreendidas foram construídos dois eixos que serão abordados na sequência, quais sejam: **“Uma dinâmica de violência infantil para além dos muros da escola em tempos de COVID-19”** e **“Construindo pontes para intervir no *Cyberbullying* em tempos de pandemia: A Escola como instrumento de manejo”**

Uma dinâmica de violência infantil para além dos muros da escola em tempos de COVID-19

O presente eixo de análise foi construído a partir da inclusão de discussões feitas por Chaves (2006), D’antona; Kevorkian e Russom (2010), Lima (2011), Maldonado (2011),

Madureira (2007) e Goffman (1988), a fim de problematizar a violência infantil para além do contexto escolar.

Discutindo esses argumentos é impreterível mencionar que diante dos impactos massivos causados pelo descaso e descontrole epidemiológico da pandemia do COVID-19, as Instituições de Ensino, públicas e privadas, têm se reorganizado e passaram a ocupar a ambiência digital. Com esta primeira mudança, os esquemas que perpassam as tramas escolares infantis tiveram que, também, se adaptarem a esta nova realidade, assim, os laços sócio-afetivos de inclusão, exclusão e violência entre pares foram igualmente incluídos na dinâmica do ensino remoto emergencial com crianças. A ocupação deste lugar pelas experiências entre indivíduos(as), mesmo que limitados(as) pelas condições de virtualidade e ausência de contato físico, fomentaram o apagamento de uma borda que separava, até então, o dinamismo entre vida escolar-estudantil x vida pessoal dos(as) alunos(as), de modo a aglutinar ambas as realidades e a intensificar a potência que estes vínculos saudáveis e não saudáveis tomassem neste novo modelo de ensino para estes sujeitos em processo de desenvolvimento.

No tocante às práticas de violência escolar - como atos de hostilidade, humilhações e agressões físicas, conforme alude Chaves (2006) - entre o dualismo agressor(a)-vítima, o *bullying* apresenta-se como um agrupamento de violências intencionais e cíclicas, com ausência de causa aparente e que são adotadas individualmente ou de modo grupal, podendo, assim, acarretar à vítima um sentimento de dor, angústia, sofrimento e depressão (LIMA, 2011). À migração deste vínculo de violência entre pares para o virtual dá-se o nome de *Cyberbullying*, que, consoante à máxima de Juvonen e Gross (2008) compreende a utilização de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) para disseminar constrangimentos, assédios e humilhações das mais diversas às vítimas.

Com base nas mutações sócio-cultural-coletivas em razão do COVID-19, os(as) indivíduos(as) passaram a adotar mecanismos de subterfúgio para ocuparem-se e desfrutarem de um lazer que hoje se restringe às telas de celulares, computadores, televisões e tablets. O público infantil, por sua vez, ao encontrarem-se encarcerados em suas próprias casas, aderem à aplicativos de interações sociais e jogos digitais, tais como o *TikTok*, *Kwai*, *Instagram*, *Twitter*, *Among Us*, *Free Fire*, *League of Legends*, *Counter-Strike*, entre outros. Assim, com o intenso laço com a dimensão virtual adotada como viés simbólico, as crianças têm tornado-se mais passíveis às vivências de violência nas redes, tendo-se em vista a sua alta exposição, podendo, então, tornarem-se tanto vítimas, agressores(as), como até mesmo expectadores(as) no contexto da prática de *cyberbullying*.

Por conseguinte, segundo Maldonado (2011), variadas são as formas pelas quais se manifesta o *cyberbullying*, como por exemplo mensagens de texto recebidas pelo celular, fotos e vídeos enviados para ameaçar e hostilizar a vítima - item atualizado hodiernamente por intermédio de prints de tela em aulas síncronas nas salas virtuais como o Google Meet e o Zoom, criação de figurinhas para o WhatsApp, disseminação de apelidos em subnick de jogos -, criação de páginas na Internet nas quais as crianças vítimas são ridicularizadas, além de insultos que podem acontecer durante a própria aula, através do chat de mensagens. Tais meios de violência da integridade moral e emocional da criança, em virtude da velocidade de circulação de informações na internet, atinge grande escala, a nível exponencial, de um público que consome esse conteúdo violento, deixando marcas profundas na autoestima, autoimagem e, conseqüentemente, no processo de subjetivação do(a) infante agredido(a).

É válido ainda salientar que a divulgação de imagens, apelidos, de segredos e mentiras sobre alguma criança estudante são expandidos por outrem independentemente da veracidade dos fatos divulgados na rede e dos sentimentos da pessoa envolvida (D'Antona, Kevorkian, & Russom, 2010). A explicação dada a estas agressões está associada a um processo de estigmatização daquilo que se institui socialmente como diferente e, assim, de modo plural, se apresenta nas Escolas, como exemplificativamente a variabilidade dos corpos (gordos, magros, altos, baixos), da cor de pele das crianças (negro, branco, pardo, indígena, amarelo), tipos de cabelo (crespo, cacheado, liso, ondulado, curto, longo), das condições imperativas de gênero (no tocante à feminilidade e masculinidade, numa perspectiva heteronormativa hegemônica) e socioeconômicas que atravessam e compõem a verdade do sujeito infantil.

Segundo Goffman (1988), o estigma, enquanto fenômeno social, trata-se de um destaque de cunho depreciativo sobre o status moral de um sujeito que apresenta alguma anormalidade, ou seja, com incompatibilidade intragrupal, se comparado ao indivíduo instituído na normatividade - aquele que não é afastado negativamente das expectativas coletivas. Tendo como base os postulados do autor, é possível inferir sobre uma estruturação subjetiva, respaldada sócio-culturalmente por padrões ditatoriais que impõem à sociedade o belo, o feio, o normal, o estranho e o patológico, de modo a permitir que as próprias crianças, em virtude de uma aprendizagem social, reproduza tais comportamentos de inclusão, a partir da familiaridade com o similar, e de exclusão e estigmatização a partir da estranheza e intolerância absorvida em suas experiências de subjetivação infantil.

Diante da existência de fronteiras simbólicas, elucidadas pelo *cyberbullying*, as quais perpassam e interferem a dinâmica do processo de ensino-aprendizagem da criança, em virtude da exclusão, das violências morais e psicológicas da vítima, Madureira (2007) afirma que

Nos diversos contextos socioculturais, existem fronteiras simbólicas que delimitam, de forma semipermeável, as diferenças entre os indivíduos e grupos sociais. Quando tais fronteiras se tornam rígidas, não-permeáveis, e passam a qualificar alguns grupos a partir da desqualificação, constante e difusa, de outros grupos, percebemos o preconceito em ação (discriminação). Quando estas fronteiras rígidas são alvos de transgressão, percebemos a violência e a intolerância, subjacentes às práticas discriminatórias, em relação aos(as) supostos(as) 'transgressores(as)'. (...) Afinal, sentir-se inferiorizado(a) ou desqualificado(a) por 'defeitos pressupostos' não são, certamente, experiências agradáveis (MADUREIRA, 2007, p. 46).

A partir da máxima da autora é possível fazer uma leitura sobre o processo de *cyberbullying* infantil como um mecanismo de marcação simbólica existente, neste caso, no ambiente escolar - mesmo que, hodiernamente, remoto e/ou híbrido -, em que o afeto negativo, baseado na experiência de não compatibilidade com o outro que apresenta características diferentes, resulta numa categorização de indivíduos(as) passíveis de menosprezo, riso e de violência. Todavia, é de cunho salutar compreender que estas crianças (abarcadas no estágio infantil dentre os 0-12 anos de idade) inseridas num espaço dual e violento entre agressor(a)-vítima, tratam-se de sujeitos em processo de desenvolvimento cognitivo e, por esta razão, não possuem uma capacidade de percepção empática completamente formada diante da postura e existência de outras crianças no mundo.

Construindo pontes para intervir no *Cyberbullying* em tempos de pandemia: A Escola como instrumento de manejo

Este eixo visa, a partir de, numa visão geral da perspectiva de Freire (1987), discutir sobre as possibilidades de intervenção em uma pedagogia libertadora nos casos de *bullying* e *cyberbullying* com crianças. Conforme o exposto anteriormente, encontra-se a Escola enquanto estrutura social responsável por conduzir um processo de ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes, a premissa fomentadora de problematizações, buscando auxiliar no desenvolvimento e construção de subjetividades desses sujeitos. Para além disso, as Instituições Escolares podem ser consideradas como ferramentas de muita potência no manejo de situações de violência de direitos e da dignidade humana, como no *cyberbullying* e *bullying* com crianças. Com base nisso, acredita-se que seu caráter político-afetivo-sócio-cultural dispõe de forças para abarcar a temática da violência entre pares na construção de diálogos cotidianos, nas atividades

de lazer e realização de oficinas sobre o respeito e acolhimento às diferenças com as próprias crianças.

Todavia, é fundamental que as intervenções fomentadas pela Escola ecoem nos(as) discentes e sejam convertidas em mudanças de perspectivas, dado o potente viés atravessador que pode ser proporcionado tanto pela Escola, como também pelas práticas escolhidas diante do manejo de situações, nesse caso em específico sobre o *cyberbullying*. Mas para isso, urge a necessidade de um respaldo de tais condutas num viés da educação popular libertadora como ponto de partida para superar a violência cibernética com crianças de forma crítica e coletiva. Assim, refletindo, segundo Freire (1987), numa práxis que permite os oprimidos e opressores desvelarem o mundo da opressão, neste caso o *cyberbullying*, transformando-o e, transformada a realidade de violações, a pedagogia de libertação tornar-se-á permanente na Instituição Escolar.

Portanto, a partir da inserção de condutas de diálogos – que não se restrinjam apenas à raras palestras no ano –, que abordem um caráter reflexivo, educador, político e afetivo, haverá espaço para que se inicie o exercício da empatia entre as crianças, a fim de que estas possam se colocar umas nos lugares das outras e, deste modo, incitando a ideia de que o outro tem um lugar singular no mundo, assim como ela, e que este deve ser respeitado, preparando-as assim para acolherem o diferente sem violências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho evidenciou em seu percurso a realidade do Cyberbullying com crianças, enquanto fenômeno social que torna explícito relações de poder nas Escolas, e tem se questionado em seu decorrer sobre como a Escola poderia construir pontes para manejar a situação de violência entre pares. Essa violência nomeada de *Cyberbullying* tem consequências morais severas no desenvolvimento social e emotivo da criança, gerando impactos na socialização, insegurança, angústia excessiva, depressão, sentimentos e desejo de morte.

Além disso, o contexto pandêmico trazido pelo COVID-19 influenciou para que as crianças ficassem ainda mais imersas no ambiente digital, tornando-se assim ainda mais vulneráveis seja à tornarem-se agressores(as) como também vítimas de violência cibernética. A impossibilidade de sair de suas casas, haja visto a condição de isolamento social, permitiu que estes sujeitos aglutinassem a sua vida pessoal à vida estudantil, favorecendo ainda mais o aprisionamento da criança às relações de poder quando vítimas de *Cyberbullying*.

Neste contexto, percebe-se então a Escola como instrumento de potência para manejar essa realidade que infringe os direitos e a dignidade da criança, utilizando-se assim da construção de diálogos, pautados numa educação popular libertadora, que consiga gerar afetamentos entre as crianças, de modo a despertar empatia umas com as outras, mesmo que tratando-se da ambiência virtual. Assim, construindo pontes que vinculem cada criança ao respeito e desmonte de perspectivas que excluem e estigmatizam umas as outras em vista das diferenças.

Portanto, espera-se que o presente trabalho seja instigante para incitar um pensamento teórico-crítico-reflexivo sobre a temática apresentada, a fim de fomentar a construção de posteriores trabalhos voltados para este mesmo tema de tão necessária ampliação de debates, além de despertar a atenção das Escolas diante dessa forma de violência, principalmente neste período de conexões, objetivando que a instituição possa abrir-se à práticas interventivas em seus casos particulares no atual momento.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Trad. Reynaldo Bairão. Petrópolis: Vozes, 2008. BOURDIEU, P. O poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. 14ª ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010
- CASARIN, S T., PORTO, A R., GABATZ, R I B., BONOW C A., RIBEIRO, J P., MOTA M S. **Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do *Journal of Nursing and Health***. J. nurs. health. 2020;10(n.esp.):e20104031. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/19924>. Acesso em: 27/07/2021
- COOK, C. R. et al. **Predictors of Bullying and Victimization in Childhood and Adolescence: A Meta-analytic Investigation**. School Psychology Quarterly, Washington/EUA, v. 25, n. 2, p.65 – 83. 2010. Disponível em: < <https://www.apa.org/pubs/journals/releases/spq-25-2-65.pdf>>. Acesso em: 21/07/2021
- CHAVES, W. M. **Fenômeno Bullying e a Educação Física Escolar**. Encontro Fluminense de Educação Física Escolar. 10º. 2006, Rio de Janeiro. Anais do 10º Encontro Fluminense de Educação Física Escolar, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/fenomenobullying-e-educacao-fisica-escolar/> Acesso em: 21/07/2021.
- D'ANTONA, R.; KEVORKIAN, M., & RUSSOM, A. (2010) **Sexting, Texting, Cyberbullying and Keeping Youth Safe Online**. Journal of Social Sciences, 6 (4), 523-528. doi: 10.3844/jssp.2010.523.528. Disponível em: < <https://thescipub.com/html/10.3844/jssp.2010.523.528>>. Acesso em: 21/07/2021
- FOUCAULT, M. **A Microfísica do Poder**. Organização e Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro, Graal, 22 edição, 2006, p 75

- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- Juvonen, J. & Gross, E. F. (2008). Extending the school grounds? Bullying Experiences in Cyberspace. *Journal of School Health*, 78(9), 496-505.
- GOFFMAN, E. **Estigma: Estigma notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- LI, Q. **Cyberbullying in Schools: A Research of Gender Difference**. *School Psychology International*, Calgary/CAN, v. 27, p. 157-170, may. 2006. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0143034306064547>. Acesso em: 21/07/2021
- LIMA, A. M. de A. **Cyberbullying e outros riscos na internet. Despertando a atenção de pais e professores**. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2011. Disponível em: < <https://wakeditora.com.br/produto/cyberbullying-e-outros-riscos-da-internet-despertando-a-atenca/>> Acesso em: 21/07/2021
- MADUREIRA, A. F. do A. **Gênero, sexualidade e diversidade na escola: A construção de uma cultura democrática**. 428 págs. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 2007. Disponível em: < <https://repositorio.unb.br/handle/10482/1610>>. Acesso em: 21/07/2021
- MALDONADO, M T. **Bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco?** São Paulo: Moderna, 2011.
- MARCONI, M A.; LAKATOS, E M. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Atlas, 1992. 4a ed. p.43 e 44. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india. Acesso em: 27/07/2021
- SÁ, A A G. **As representações sociais dos estudantes da Universidade do Minho sobre o fenómeno do Cyberbullying**. 2017. Tese de Doutorado. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/49463>>. Acesso em: 21/07/2021.
- SHARIFF, S. **Cyberbullying: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família**. Porto Alegre: Artmed. 2011
- SCHREIBER, F C C.; ANTUNES, M C. **Cyberbullying: do virtual ao psicológico**. *Boletim-Academia Paulista de Psicologia*, v. 35, n. 88, p. 109-125, 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v35n88/v35n88a08.pdf>>. Acesso em: 21/07/2021
- SILVESTRE, L B. **O cyberbullying a partir do contexto escolar: como se dá a relação corpo-mídiaviolência?**. 2013. Disponível em:<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14385/1/2013_LisBastosSilvestre.pdf>. Acesso em 21/07/2021.
- SLONJE, R.; SMITH, P. K. **Cyberbullying: Another main type of bullying?** *Scandinavian Journal of Psychology*, 49(2), 147-154. 2008. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18352984/>>. Acesso em 21/07/2021
- WEBER, M. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo: Martin Claret, 2002.